



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CLÁUDIO AUGUSTIN

[Caio]

(depoimento)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-757

Entrevistado: Cláudio Augustin

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Sapiranga – residência do entrevistado.

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Laura Andrade

Data da entrevista: 06/04/2017

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 15 minutos e 53 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação profissional; Atuação no Handebol; Locais nos quais atuou; Arbitragem; Mulheres árbitras; Handebol no Rio Grande do Sul; Visibilidade do Handebol; Fundação da Federação Gaúcha de Handebol; Cidades com maior projeção; Campeonatos de Handebol.

Sapiranga, 06 de abril de 2017. Entrevista com Cláudio Augustin a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Laura Andrade para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Primeiramente boa tarde, agradeço por estar cedendo esta entrevista. E eu gostaria que iniciasse contanto um pouco da tua formação, e como se envolveu com o Handebol.

C.A. – Boa tarde, primeiro lugar agradeço a presença de vocês aqui, sempre é importante conhecer a história do Handebol gaúcho e brasileiro, e Sul-Americano também. Gostaria de dizer que eu comecei em 1975, quando estudante de Educação Física em Sapiranga, na Escola Coronel Genuíno Sampaio.

J.K. – E o senhor já atuou como técnico de algum clube?

C.A. – Olha, eu trabalhei no Clube Atlético Cairu que é de Sapiranga mesmo, trabalhei na Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo por quatro anos, e também trabalhei no Esporte Clube Ulbra sete anos, e também já trabalhei na Unisinos¹, sempre com a equipe de Handebol sete anos, e na Feevale² por quatro anos.

J.K. – As equipes que o senhor foi técnico eram masculinas ou femininas?

C.A. – Femininas.

J.K. – Sempre atuou como técnico de equipes femininas?

C.A. – Sempre! A não ser na escola, no início do trabalho que tinham equipes masculinas também.

J.K. – Certo! E quando vocês participavam de campeonatos, como era a presença do público?

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Universidade de Novo Hamburgo.

C.A. – Depende do evento, se é a nível regional, nível estadual ou a nível brasileiro sempre foi muito boa. O público sempre muito bom. Nas Ligas Nacionais³, inclusive vocês podem ver pelas fotos e arquivos todos, documentando.

J.K. – E já atuou como árbitro de Handebol?

C.A. – Atualmente eu estou exercendo... Realizando esse trabalho como árbitro.

J.K. – E o senhor é árbitro nacional ou internacional?

C.A. – Não, sou árbitro a nível regional.

J.K. – É federalizado.

C.A. – É, da Federação Gaúcha no caso, estadual.

J.K. – Certo, e qual o ano que o senhor fez o curso para ser árbitro?

C.A. – Fazem quatro anos.

J.K. – E onde eram realizados esses cursos?

C.A. – O curso que eu realizei a quatro anos atrás foi em Sapiranga mesmo, toda a Federação, toda a arbitragem veio para cá e realizou o curso aqui mesmo.

J.K. – E existem mulheres que participam desses cursos?

C.A. – Tem, tem várias.

J.K. – Tem alguma federada?

³ Liga Nacional de Handebol.

C.A. – Todas são federadas, porque tem que fazer o curso na Federação, então acaba ficando federado.

J.K. – E quais os lugares que tu já apitou?

C.A. – Faço arbitragem em todo o estado.

J.K. – Sim...

C.A. – Em Santa Maria, Vacaria, toda a grande Porto Alegre em geral.

J.K. – E em relação a história do Handebol no Rio Grande do Sul, saberia me dizer onde foi que ele iniciou?

C.A. – O Handebol no Rio Grande do Sul é anterior a minha pessoa “né”, então, eu não poderia te dizer, mas eu sei que o polo forte foi em Santa Maria que começou com o masculino; no aniversário de Santa Maria na pessoa do Luiz Celso Giacomini, o **Irakil** Antonello lá as equipes chegaram a ser campeãs Sul-Americanas diversas vezes, campeã brasileira também, Sul-Americana. Foi Santa Maria que se destacou no masculino e nós de Sapiranga no feminino.

J.K. – Saberá me dizer o ano que ocorreu?

C.A. – É difícil dizer... seria lá pelos anos 1980, anos 1990.

J.K. – E onde o Handebol teria ganhado maior visibilidade, nas escolas, universidades ou em clubes?

C.A. – Eu acho que o Handebol tem muito para crescer ainda, principalmente, em termos de visibilidade, mas principalmente nos últimos anos por causa da seleção brasileira no

Mundial⁴ feminino que foi campeã, a Olimpíada no Rio de Janeiro. A maior visibilidade é o retorno da televisão creio eu, e além de ser muito divulgado nas escolas.

J.K. – E quando o Handebol iniciou aqui no Rio Grande do Sul, ele começou sendo praticado em campo ou em quadra?

C.A. – Em campo, desculpe, em quadra.

J.K. – Sabe me dizer se ele já chegou a ser praticado em campo?

C.A. – Sim, o Handebol começou na Europa, principalmente, na Alemanha no campo, só depois que começou em quadra.

J.K. – Sim, mas e aqui no Rio Grande do Sul?

C.A. – Não que eu tenha conhecimento.

J.K. – Certo. E em relação a Federação Gaúcha de Handebol, saberia me dizer como ocorreu a sua fundação?

C.A. – Foi em 1970, mas não sou ciente de como iniciou, sou posterior a isso tudo.

J. K. – Saberá me dizer se houve alguns clubes que participou da fundação da Federação Gaúcha de Handebol?

C.A. – Acredito que a Universidade Federal de Santa Maria, deve ter sido uma das pioneiras no masculino.

J.K. – Saberá me dizer quais foram as primeiras escolas que iniciaram a prática do Handebol?

⁴ Referência ao Campeonato Mundial de Handebol Feminino realizado na Sérvia em 2013 no qual o Brasil sagrou-se campeão.

C.A. – Olha, tu está fazendo perguntas a mim muito anteriores. E eu não sei te dizer, ainda mais escola.

J.K. – Chegou a atuar em escolas?

C.A. – Sim, eu atuei em escolas, mas a escola é o início do trabalho.

J.K. – Na tua opinião, na atualidade aqui no Rio Grande do Sul quais as cidades que o Handebol tem maior projeção?

C.A. – Bem, Sapiranga era até o ano de 2007; Sapiranga se destacava no feminino até 2007. Como eu te disse, Porto Alegre, Santa Maria, Novo Hamburgo categoria de base, Campo Bom é nessa região, Caxias do Sul. Mas é um Handebol... Assim, nosso Handebol no Rio Grande do Sul, é no nível do Vôlei, do Basquete, infelizmente não é... Não dá para comparar com São Paulo. Estamos engatinhando em tudo no esporte amador, e ainda mais no esporte coletivo. Sempre que alguém quer, no caso, almejar mais, como alguém que está começando, ela começa no Rio Grande do Sul, no Vôlei, no Basquete, mas se ela quer prosseguir na carreira ela vai ter que ir para São Paulo, é o que tem aí, é o que tem mostrado a realidade para a gente. Quando nós tínhamos a nossa equipe de Handebol, as meninas conseguiam ficar aqui, e ganhavam universidade, sustendo, alimentação, moradia, tudo. Muitas meninas se formaram na faculdade pelo trabalho que foi feito aqui, e hoje trabalham em várias repartições e vários tipos de colocação no mercado.

L.A. – E porque tu acha que isso mudou?

C.A. – Mudou o quê?

L.A. – Que antigamente elas conseguiam o sustento pelo Handebol e hoje não conseguem mais.

C.A. – Porque nós paramos com o trabalho em Sapiranga. Então eu posso falar por mim, hoje se uma menina quer, o Handebol gaúcho está só na categoria de base, chega no juvenil e para e as gurias só começam a jogar no adulto depois que tem uma certa

colocação, uma certa estrutura, daí volta a jogar no adulto, mas mais pelo lazer, do que pela própria competição. Infelizmente é assim a nossa história hoje, mas não é só no Handebol não, tem no Basquete, no Vôlei,

J.K. – Em outras modalidades também...

C.A. – Sim, o Futebol feminino também, profissional realmente é só o Futebol masculino.

J.K. – E o Handebol como esporte Olímpico, como tu enxerga a participação do Brasil, tanto das equipes de homens, como a de mulheres?

C.A. – Olha o feminino tem uma equipe de competição, tanto é que se consagrou campeã no penúltimo Mundial. E o masculino está a cada ano melhorando o nível técnico, está chegando lá. Tudo é uma questão de ter um intercâmbio maior, com equipes da Europa onde está o Handebol realmente forte em nível mundial, é na Europa. O Brasil ter trazido, por exemplo, técnicos de fora, do estrangeiro foi muito importante para o crescimento.

J.K. – E como tu enxerga a participação do Rio Grande do Sul em campeonatos universitários e em jogos escolares?

C.A. – Olha eu já participei a nível universitário e de equipes também. Já a nível escolar, mas como eu te disse, tudo é consequência; como a gente não tem muitos clubes, não tem muitas escolas como gostaria que fosse, nossa representação ela tem sido média “né”. Não dá para dizer que a gente foi... Geralmente ela está até disputando segunda divisão, não na primeira, tem melhorado, mas devagar.

J.K. – Certo! E como tu enxerga o papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário do Handebol feminino?

C.A. – Federação Gaúcha e Confederação Brasileira?

J.K. – Isso!

C.A. – O papel deles é muito importante, são eles que organizam as competições, organizam a arbitragem, que deveriam se preocupar para arrumar um patrocínio bom para o Handebol, deveriam incentivar... Na minha opinião deveriam incentivar muito mais a categoria adulto, essa crítica vale mais para o Rio Grande do Sul, incentivar *mais o adulto*, porque incentivando o adulto vai acontecer o que? Mais crianças vão entrando no esporte, uma coisa é consequência da outra, eu penso assim.

J.K. – E tu acredita que a Federação Gaúcha de Handebol tenha algum projeto de visibilidade atualmente?

C.A. – Eu não sei, teria que perguntar para o pessoal da Federação Gaúcha isso.

J.K. – E em relação a arbitragem, o que é possível fazer para se tornar árbitro de Handebol?

C.A. – Tem que fazer contato com a Federação Gaúcha, descobrir quando vai ter um curso, sempre tem um, a cada dois ou três anos tem um curso e participar do curso, fazer as provas prática e teóricas, e tudo mais para se habilitar.

J.K. – E para conseguir se habilitar como árbitro internacional é o mesmo processo?

C.A. – Daí é uma consequência.

J.K. – E a arbitragem acontece com uma dupla fixa ou não?

C.A. – Não, a gente costuma trocar de parceiro várias vezes, conforme a competição porque cada final de semana é uma competição ou durante a semana, nem sempre todos os árbitros podem ir. Hoje uma competição em Santa Maria, amanhã pode ter uma competição em Porto Alegre e assim vai. Geralmente as duplas... A pessoa é convocada para ir sozinha, outros árbitros estão lá e assim é formada as duplas.

J.K. – Certo! E tu saberia me dizer o nome da primeira dupla de árbitras de Handebol no Brasil?

C.A. – Interessante, mas eu sou meio... Na arbitragem eu sou novinho “né”, aí eu não vou saber te responder. Não tenho lembrança de árbitras mulheres anteriores a mim.

L.A. – E atualmente existem mulheres atuando na arbitragem?

C.A. – Sim atualmente tem árbitras mulheres, gente que entrou junto comigo.

J.K. – Saberria dizer o nome de alguma?

C.A. – Marisa Wasem, Priscila Nedel...

J.K. – E elas são aqui de Sapiranga?

C.A. – Não, uma é de Campo Bom, e a Priscila Nedel é de São Sebastião do Caí, trabalha em Sapiranga, mas é de São Sebastião do Caí.

J. K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei e que tu gostaria de compartilhar?

C.A – Apenas quero te mostrar o acervo do Handebol de Sapiranga.

J.K. – Claro, vai ser um prazer conhecer o acervo.

C.A. – E se tu quiser bater alguma foto, alguma coisa, para nós é interessante divulgar, porque aqui a gente recebe escolas, pessoas da comunidade, ex-atletas vem aqui matam a saudade.

J.K. – Certo! Então a gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]